

# FRAGMENTOS DE UM LIVRO INÉDITO DE CAIO SOVERAL

FLAMINIUS

**Danilo Gomes**  
Faculdade de Direito

Não perderás jamais a atração pelos trens-de-ferro que gemiam, sacolejavam, apitavam, lúgubres, na tua infância provinciana — o das cinco da manhã para a Capital, a neblina e o frio na estação construída no começo do século. O frio, o sono, a neblina. O apito e a fumaça. As faíscas nos olhos. A paisagem verde correndo ao longo dos velhos postes de telégrafos. A longa viagem, sonolenta baldeação, a Capital, mundo renovado a cada novo encontro.

Em sentido contrário: as fazendas, a estação rural, os animais arreados, os currais, o pomar dos gansos bravios, o cigarro de palha fumado furtivamente (o gosto inigualável que ficou até hoje no céu da boca, o gosto proibido como o corpo da prima).

Recordarás, recordarás. Sofrerás. Para trás, Caio Soveral, para o passado: a neblina das cinco da manhã na gare, os lúgubres apitos, as manobras terríveis do trem, como dragão furioso mastigando engrenagens de *belle époque*, o cheiro de estrume no curral, a ermida colonial de tesouros unsuspeitados, os porões surreais de tenebrosas lembranças da escravidão, os ancestrais modorrando o sono eterno nos espartilhos e nos cavanhaques autocráticos (*De profundis clamavi at Te, Domine.*

*Domine, exaudi vocem meam.*), o cigarro proibido como a prima, como a prima da prima no bangalô à beira da lagoa...

A névoa da madrugada. A poesia dos trens aventureiros, como as caravelas gâmicas. Os currais com seu estrume. A terra com seu cheiro de mato. O gosto que ficou até hoje. A intocável prima da prima intocável.

Não esquecerás, não esquecerás.

E essas ruas com bares nas calçadas: é preciso não perderes também a esperança do vermute e do cognac bebidos ao entardecer, sob as árvores outonais do “Deux-Magots” ou do “Café de Flore” (*Tityre, tu recubans sub tegmine patulae fagi, meditaris musam silvestrem tenui avena...*), enquanto passam as silhuetas dessas mulheres elegantes que acontecem e se vão para sempre e são como fugazes cintilações da estrela Ásper, da remota constelação de Zione. É preciso não perderes a atração e a esperança: à tarde, à noite, no “Café de Flore”, ouvirás canções de Mireille, um vento de chuva varrerá as folhas, apertará certas mãos nas tuas e sentirás novamente o gosto da solidão do tempo antes: apertará essas mãos que arrancaste de um passado de buscas obstinadas, um passado de onde trouxeste dolorosamente essas mãos finas, florais, que apertas. As árvores outonais do “Deux-Magots”. Essas mãos finas, florais, acontecências do entardecer e do lento anoitecer na margem esquerda.

(Uma tarde, cruzamos a ponte, Mílvia, em silêncio. Cruzei, cruzastes, cruzamos, em silêncio, a velha ponte — tu vinhas, ia eu como um animal arredio, com medo e esperança, na busca irrevelada de teu corpo. Cruzamos a ponte, mulher de azul, em silêncio, como estranhos. Depois, rondava teu alpendre, onde madrugavam antúrios, avencas, que plantavas. Rondava, noite alta, teu alpendre. De dia, fugia. Procurava, fugia. Fugia, Mílvia, e depois te procurava novamente).

Lembrarás a lúdica tortura da fuga e da procura: lembrarás. Esse jogo dos tímidos, Caio Soveral, tu o fazias, *et spes non fracta*. Lembrarás também esse jogo de tortura, lembrarás para sempre.

Houve dias e noites e dias e noites de chuvas intermináveis: te procurava inutilmente no vazio jardim, sob a tormenta, na esperança de ver tua alegre face de trigo e esmeralda. As chuvas daquele tempo de agonias, à beira do corpo da amada, lembrarás — é preciso jamais esquecê-las, e jamais esquecer as noites geradoras de distâncias que doíam.

Inútil tentar fugir desses dias longes, desses corredores de hospital, desses momentos de terror nos dormitórios da adolescência, dessas beiras de abismos, dessas lanças de fogo, dessas caminhadas obstinadas em busca do centro do mundo, porto último: o corpo de Mílvia, as mãos de Mílvia, florais, sua boca de cânfora, almíscar, polpa de carne, sangue e esse gosto intraduzível que o amor inventa para recompensar os longos anos de busca e sofrimento.

Sim, Caio Soveral, sim, sim, lembrarás, *poscunt fidem secunda, at adversa exigunt*. Basta chover para lentamente penetrares nesse mundo umbroso, Eros e Tanatos, horto secreto, golfo de lembranças. Terás de ser sempre forte sobre esse território vulcânico, embora aplacado ao peso dos anos. Terás de ser forte: reviverás sempre.

Ah, ouviste os apitos, viste os moribundos de olhos vítreos, beijaste enfim a boca de sândalo de Cafarnaum, cânfora de Samaria e almíscar de Farsália, sentiste o terror nos dormitórios após os demônios do Cura D'ars, viste os olhos vazados dos anjos barrocos no templo vizinho ao imemorial cemitério, cruzaste a ponte em silêncio, cobiçaste os cognacs dos cafés da Rive Gauche, rezaste os salmos e as antífonas, leste Virgílio, Horácio e Salústio entre os eucaliptos seculares, empunhaste as velas pascais, ouviste os sinos setecentistas, apertaste aquelas mãos depois da grande tempestade, ouviste Bach toda uma tarde na biblioteca de teu morto avô.

Sim, lembrarás de tudo, de tudo. Até o último de teus dias, lembrarás de tudo. *Quae fuit durum pati, meminisse dulce est*.

Entretanto, sabes: certas lembranças serão silêncio: toda imagem, então, será esquecimento, será tudo passado sem memória. Assim deve ser. Esquecerás o manequim Ulla, a ae-

romoça Helga entre Roma e Bruxelas, a jovem condessa Tatiana Katiova, a universitária Lavínia. Esquecerás o perfume único da condessa e o permanente sorriso de Lavínia entre os vidros do restaurante e entre os livros. Esquecerás as músicas das cítaras do tempo de Lavínia, mas tudo será realidade nos silenciosos vales abissais. Será tudo passado sem memória, toda imagem será esquecimento, toda lembrança será silêncio. Lavínia, principalmente, será esquecida, como se nunca existira. Descerá, descerá sempre essa chuva de dezembro, como faíscas passionárias que acendem lembranças: mas tudo será lançado ao esquecimento, afogado no mar secreto e poderoso onde se eliminam os resquícios das caravelas aventureiras da juventude.

Sim, sim, toda imagem será esquecida. Teus lábios serão esquecidos. Esquecidas tuas mãos de sonata. Teu corpo, também de sonata, Tatiana Katiova, teu corpo será esquecido. Teus cabelos, coloridos de ouro velho por antigos desejos insones, Helga, teus cabelos de ouro velho serão esquecidos e permanecerão flutuando para todo o sempre entre Roma e Bruxelas. E teus olhos, Lavínia, teus olhos incrivelmente belos, castanhos e alegres, teus olhos, Lavínia, teus olhos serão esquecidos no canto do restaurante e nas páginas dos livros.

Serão todas levadas lentamente pelas águas da chuva, sepultadas na madrugada cinzenta onde ressoam ainda os sons de uns boleros muito antigos e, incrível!, de uns cantos gregorianos ouvidos nas naves barrocas da angustiada adolescência. Sim, todas serão esquecidas, esquecidas, esquecidas, como se nunca houvessem existido.

Sim, esquecidas, sim, lembradas, sim, novamente esquecidas e novamente lembradas, Caio Soveral, serão todas as coisas de tua vida, até que morras e te escrevam na lápide uma frase latina, que te fará muito mais facilmente esquecido, entre os ciprestes que se agitam aos ventos do entardecer, na colina de Santoral.